

# APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467  
MONTIJO

DIRECTOR  
ÁLVARO VALENTE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

Será caso que tenhamos de dizer, na hora presente: Mal dos que vivem pelo Espírito?

Triste, muito triste seria que assim fosse.

É certo que, quantos assim vivem e assim sentem, vivem vida angustiosa e sentem mágoas incomparáveis. Por vezes, a dúvida chega a pairar sobre esses idealistas, como nuvem negra que ensombra as melhores intenções...

A tortura mental dessas dolorosas controvérsias íntimas não se assemelha a qualquer outra. São os factos do dia a dia, são os sintomas assustadores que deflagram, são as manifestações materiais que se descobrem nos bastidores, são as barbaridades fazendo época e argumento, são todas essas desilusões que nos chocam e nos atiram para as incertezas. E isto dura de manhã à noite, de noite a de manhã, sem deixar o pensamento e o sono reparador!

A coincidência espantosa de vermos a marcha da Civilização a par com essas manifestações, e mais que a par muitas vezes a superá-la, traz-nos apreensões que ori-

## O Espírito sofre cada vez mais

POR ÁLVARO VALENTE

ginam o sofrimento atroz do cérebro desorientado.

Todavia, os momentos de desalento são efêmeros e os anseios anteriores retomam o mesmo caminho da persistência.

Não é possível aceitar, sequer, a hipótese de que se não-de perder os sacrifícios de tantas vidas, a luta e as investigações dos cientistas, dos pensadores, dos filósofos, de todos que trabalham para uma Humanidade melhor e para uma vida mais tolerável.

Seria a negação de todos os princípios de Bondade, de Altruismo, de Amor, de Justiça que constituem a base do Espiritualismo.

É certo que se observam factos anormais muito suficientes para criar essa desorientação e, conseqüentemente, provocar a dúvida e a incerteza.

Quando mais o Progresso espalha rajadas de luz pelo Universo além, mais depressa se produzem as catástrofes e as hecatombes que o negam e até o contradizem.

Quando mais a Civilização se ergue e pretende irradiar Beleza moral, perfeição, cultura, claridades, mais depressa se vêem e se conhecem, em contra partida, factos que aviltam os povos e as raças, dominados por aventureiros ou por *meneurs* sem escrúpulos.

No entanto, nem mesmo assim devemos hesitar na

senda que riscámos. A Consciência diz-nos insistentemente que estamos com a Razão e o Direito, que o triunfo será uma realidade hoje, amanhã, daqui a vinte anos, daqui a um século.

É preciso sofrer, sofrer cada vez mais.

Iremos sofrendo, pois, até que a maldade dos homens recue e desapareça da face da Terra.

E já que não possuímos ainda os compimidos de *soma* do biólogo e fantasta Huxley, iremos também buscar a essa Consciência as forças de que necessitamos para não baquearmos no trânsito e no entrechoque.

O «Espírito sofre cada vez mais», mas está averiguado e certificado que, sem sofrimento, não pode haver vitórias espirituais e apenas nos compete a resignação como bálsamo, a perseverança com evangelho.

## Novo encontro com o Senhor X

Por Amaral Frazão

Estava eu a olhar os livros de uma montra, ali perto do Rossio, quando oiço por detrás de mim uma voz conhecida a dizer-me:

— Cá estou, visto que mostra tanto empenho em tornar a ver-me.

Voltei-me rapidamente. Era o senhor X, aquele senhor X que aparece e desaparece como um meteoro e cuja filosofia, embora de trazer por casa, tem sempre um certo fundo moral e educativo.

— Com efeito, já estava a precisar do meu amigo. Por isso aquela chamada através do...

(Continua na página 5)

## O que pedimos à Filosofia

POR PEDRO ARAÚJO

É hoje um facto evidente que, para a grande maioria dos indivíduos, ser-se filósofo significa ser-se delirante, nefebilata. Para a generalidade das pessoas que não estudam especialmente este problema, a Filosofia é uma actividade puramente especulativa que não satisfaz necessidade alguma, que não está na linha de desenvolvimento dos interesses concretos dos homens. Quando se fala em Filosofia, o que aflora imediatamente ao espírito é a lembrança de tantos conceitos complicados, e em regra quase incompreensíveis, expressos num vocabulário técnico.

Como se explica isto? Tal fenómeno deve-se às metafísicas e aos subjectivismos exacerbados que, rompendo a unidade palpante da teoria e da prática, divorciaram o homem real, com os seus problemas e aspirações, das locubrações dos filósofos.

Contudo, uma das finalidades desta *Filosofia formalista* foi atingida: — retirar ao grande número a

«teoria séria», a arma poderosa que os habilitaria a encontrar a chave dos seus próprios problemas.

Creemos ser uma das tarefas mais importantes de consciencialização dos homens apontar estes factos e chamar a atenção para a magna importância da Filosofia viva, aquela que actua em regra inconscientemente em cada homem, *mas que age em todos sem excepção.*

Pode parecer uma grande ousadia da nossa parte pretender que não haja ninguém que não tenha uma filosofia. Mas, na realidade, assim é.

Todos têm uma visão do universo, visão mais ou menos desenvolvida, mais ou menos perfeita, mas todos a têm; todos possuem um certo número de crenças, de opiniões acerca do mundo que nos rodeia. Essa visão, essas crenças e opiniões, as mais das vezes inconscientes, dirigem toda a actividade do Homem, alumiam-lhe os passos.

Essa visão, essas crenças

(Continua na página 5)



Igreja de Nossa Senhora do Carmo (no primeiro plano: aspecto de chaminés algarvias).

## PORTUGAL PITORESCO

### FARO

Cidade episcopal, capital do Algarve, fica situada nas vizinhanças da antiga Ossónoba, hoje Estói, e perto da embocadura do pequeno rio Val Formoso.

A barra deste rio acha-se obstruída com um banco de areia que forma a ilha de Santa Maria, por entre a qual e outras ao sul e a oeste entram as embarcações. Esta barra dista 7 quilómetros da cidade e o canal condutor é formado pelo dito rio.

A antiguidade de Faro é coeva com a invasão dos mouros nas Espanhas, em cuja ocasião se foi constituindo com os fugitivos de Ossónoba e outros habitantes dedicados às fainas marítimas.

Por três vezes ela foi tomada aos mouros, sendo a última em 1260 por D. Afonso III.

Em 1580 foi para ali transferido o bispado, que tinha sua sede em Silves.

Faro é hoje uma linda cidade algarvia modernizada, com belas avenidas e bons edifícios, monumentos e templos.

Entre estes avulta a Sé, templo de três naves, certamente antiga mesquita dos mouros, repleta de notáveis obras de arquitectura e algumas de pintura. A fachada é gótica e aquelas naves quadradas são sustentadas por colunas jónicas. E assim, a primitiva «Santa Maria», a «Vila de Faro» dos tempos moiriscos, — talvez pela existência dum farol para os navegantes —, a «Faraon», a «povoação dos cavaleiros», é hoje uma das mais lindas e progressivas terras do Algarve.

O seu clima esplêndido, a fertilidade assombrosa dos arredores, as fantásticas maravilhas das amendoeiras em flor, a beleza das suas paisagens, — tudo a consagra como uma das pérolas mais valiosas do escritório das formosuras portuguesas.



Arredores de Faro — Campo de amendoeiras floridas

## VIDA PROFISSIONAL

### Médicos

**Dr. Avelina Rocha Barbosa**

Das 15 às 20 h.  
R. Almirante Reis, 68, 1.º  
Telef. 026 245 — MONTIJO  
Consultas em Sarilhos Grandes,  
às 9 horas, todos os dias, excepto  
às sextas feiras.

**Dr. Fausto Neiva**

Largo da Igreja, 11  
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.  
Telef. 026 256 — MONTIJO

**Dr. J. Sousa Correia**

CLÍNICA DENTÁRIA  
Dentes artificiais e concertos  
Consultas todos os dias  
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas  
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

**Dr. Isabel Gomes Pires**

Ex-Estagiária do Instituto  
Português de Oncologia.  
Doenças das Senhoras  
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras  
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo  
Todos os dias  
Rua Morais Soares, 116-1.º  
LISBOA Telef. 48649

### Parteiras

**Felisbela Victória Pino**

Parteira - Enfermeira  
Partos, injecções e tratamentos  
Rua Sacadura Cabral, n.º 50  
TELEF. 026 487 — MONTIJO

**Augusta Marq. Charneira Moreira**

Parteira-Enfermeira  
Diplomada pela Faculdade de  
Medicina de Coimbra  
Rua Tenente Valadim, 29-1.º  
MONTIJO

**Armanda Lagos**

Parteira-Enfermeira  
Ex-estagiária das Maternidades de  
Paris e de Strasbourg.  
De dia - R. Almirante Reis, 72  
Telef. 026038  
De noite - R. Joaquim d'Almeida, 102  
MONTIJO

### Organizações

#### Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às  
13 horas, através do Clube  
Radiofónico de Portugal o  
programa «REVISTA DES-  
PORTIVA», uma produção de  
Fernando de Sousa, com o  
patrocínio deste jornal.

#### REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do  
desporto e a favor do desporto.  
Produção associada de: Fer-  
nando de Sousa, Fernando de  
Lacerda e Veríssimo Alves.  
Brevemente novos progra-  
mas e novas rubricas. Para  
a sua publicidade consulte

#### Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º - Esq.º  
LISBOA

### Explicações

odos os Disciplinas do 1.º e 2.º  
ano do Curso Geral do Comércio

### Dactilografia

Traduções e Retroversões:  
Francês e Inglês, Técnico - Comerciais  
R. Tenente Valadim, 14 - MONTIJO

# MONTIJO

## Concelhos Ribeirinhos da margem sul do Tejo

Conta o distinto escritor Dr. Francisco Câncio, no seu «*Ribatejo Histórico e Monumental*», que o Dr. Pedro Fazenda dera à publicidade em 1903, no «*Arqueólogo Português*», cópia de uma escritura de venda de metade dum batel, celebrada em 1370 em *Aldea galega Ribatejo*, documento que veio mais tarde, em 1906, a ser também transcrito nas «*Cosas da Nossa Terra*», de José de Sousa Rama. Duarte Galvão chegou a dizer do *Ribatejo* a formosa vila de Azeitão — «Azeitão do Ribatejo» — o que não será de admirar, desde que o poeta Cristóvão Falcão, citado pelo ilustre professor universitário, Doutor Amorim Girão, chamou à Serra da Arrábida *Serra do Ribatejo*:

«*Antre Sintra, a mui prezada  
E serra do Ribatejo,  
Que Arrábida é chamada*»

Da mesma natureza cita Gama Barros documentos datados de 1389 e dos fins do século XIV, e Sousa Rama dá-nos mais a cópia duma escritura lavrada em «*aldea gallega Rybatejo*» em 21 de Janeiro de 1378, e a do arrendamento de uma marinha feito na mesma «*Aldea galega Ribatejo*».

Em suma: localidades fora, oficialmente, da actual província do Ribatejo, para continuarem na da Estremadura, foram ainda há poucos anos incluídas, pelo Dr. Francisco Câncio, no seu citado livro «*Ribatejo Histórico e Monumental*», tais como as sobreditas vilas de Alcochete e Aldeia-Galega (Montijo), a Moita com Alhos Vedros e o Barreiro com o Lavradio, Palhais, a Telha, Santo António da Charneca e ainda a antiquíssima Coima, outrora município com foral próprio.

Quer isto dizer que, para o ilustre escritor, esses aglomerados populacionais, continuam, não obstante, a ser terras ribatejanas. Que a culpa, afinal, não é delas, mas dos aspectos fisiográficos que as caracterizam. O que é preciso, conforme diz o Sr. Dr. Amorim Girão, é distinguir a zona ribeirinha daquela que o não é.

Quando, em presença do cenário rústico e urbano que nos oferece toda a península de Setúbal, nos transportamos à primeira fase governativa da Monarquia, e verificamos, através de tantas vicissitudes, o progresso até agora atingido, só lamentamos que ele não fosse mais profundo e extenso, porque nunca houve, durante seis ou sete séculos, populações mais votadas ao trabalho do

que as que têm vivido entre as lezírias do Tejo e Sado. E não obstante as claudicações da história política, dá vontade de dizer com Tocqueville:

«A instituição municipal

Por  
**João Luís da Cruz**

parece ter saído directamente das mãos de Deus».

Na realidade, a grandeza pristina de Portugal proveio do espírito municipalista dos seus primeiros reis. Com excepções, mereceram o qualificativo de reis municipais, que Herculano deu a alguns.

Gama Barros diz:

«A história do povo é a história das instituições municipais. E' por estas que ele vem a interferir no governo da sociedade, adquirindo voto em cortes; foram elas que auxiliaram mais eficazmente o homem de trabalho a passar da servidão para a liberdade. O desenvolvimento do regime municipal explica por si só a emancipação da classe laboriosa, porque não se compreende que a escravidão ou a adscrição forçada tivesse meio de coexistir por muito tempo, como um facto predominante, com os grémios populares, onde o escravo ou o adscrito podia ir buscar a alforria; o concelho havia necessariamente de acabar por fazer desaparecer por toda a parte a condição servil.

E', pois, à multiplicação das instituições municipais que se devem sobretudo atribuir as causas, que fizeram gradualmente transformar este estado da sociedade, porque sendo a segurança que os concelhos ministravam muito mais eficaz e desinteressada, a classe dos *homens de benefactoria* foi diminuindo à proporção que se desenvolvia o poder municipal.»

Síntese lapidar do pensamento político, social e económico dos maiores reis da

primeira dinastia, toda a região da península da Arrábida reflecte ainda, como um espelho, a nossa mediévilica legislação municipalista.

Diz António Caetano do Amaral, nas suas «*Memo-rias*»:

«A' proporção que os Reis foram respirando da lida da guerra, e que alguns intervalos desta lhes deram tempo para considerar nas necessidades, que os seus Povos tinham de providências, e Leis gerais, que abrangessem a todo o Reino, sem ofender as leis municipais, de cada Povoação, as começaram a promulgar, sendo as mais antigas, que conhecemos, do nosso quarto Soberano, o Sr. D. Afonso II, e que os seus sucessores foram multiplicando.»

Enquanto Alcácer não foi definitivamente tomada, o que só se verificou em 1217, sob Afonso II, isto é, setenta anos depois da conquista de Lisboa e da dominação da margem esquerda do Tejo, Palmela viveu no sobressalto de todas as contingências, com alguns colapsos, que a História não nos explica, ou explica mal. Entretanto, ela já tinha recebido, em 1170, de Afonso Henriques, o *foral dos mouros forros*, e o seu castelo era doado aos cavaleiros da Ordem de Santiago — doação que D. Sancho I confirmou em 1186. Outro foral, dado aos cristãos, lhe foi também outurgado em 1185 e confirmado por D. Afonso II, no mesmo ano em que Alcácer caiu para sempre nas mãos dos Portugueses. Mais tarde, em 1218, D. Dinis deu-lhe categoria de vila e concedeu-lhe novo foral em 1323. O mais moderno, outurgado por D. Manuel, é datado de 1 de Junho de 1512.

O que veio, porém, renovar a posição hegemónica de Palmela foi a determinação de D. João I, de 1 de Maio de 1443, que a elevou a cabeça do mestrado da Ordem de Santiago.

(Continua)

## Mais e melhor luz!

A nossa avenida João de Deus acaba de ser também iluminada com lâmpadas ao centro, o que lhe dá um belo aspecto nocturno e completa a boa impressão que já se traz da entrada pela rua Gago Coutinho. A rua do Tenente Valadim também já está iluminada com o mesmo sistema.

E assim se vai modernizando a pouco e pouco a nossa terra, cada vez mais aliciante e mais atraente.

Só nos compete registar mais estes melhoramentos, felicitar a Câmara pelas suas iniciativas, e fazer votos pela continuação desse programa de progresso que tem vindo a executar.

Montijo vai assim cumprindo o seu papel civilizador, iluminando as suas artérias com mais e melhor luz.

«A Província regozija-se com o facto e anota-o nas suas colunas com evidente e radiante satisfação.»

### Santa Casa da Misericórdia de Montijo

A Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Montijo, pela colaboração que dispensaram no dia 18 do corrente, na construção do dispensário e Enfermaria - Abrigo para doentes Tuberculosos, vem reconhecidamente agradecer aos operários: António Carapinha Fonseca, Adriano Ramos Luis, José Soares, Gabriel Silva, Joaquim José, Baptista Neto, Fernando Manuel, António Tavares, João Natalino, João Valadares, Laurindo de Oliveira, Abel Conde, Francisco Caldeireiro, Domingos Baptista, Cândido José, António Lázaro Vintém, Alexandre Mendes, e José Gaspar Saloio, o dia de trabalho que se dignaram oferecer.

### Concurso Hora Feliz

Na passada quinta-feira, dia 15 de Novembro, o relógio do Concurso da Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, Praça 1.º de Maio, em Montijo, parou nas:

**11 horas e 5 minutos**

E foi contemplada a Sr.ª D. Maria Eduarda Gomes — Rua Almirante Reis — Montijo.

Todas as sementes há um contemplado. Porque não tenta também a vossa sorte, estimado leitor ou prezada leitora? Habilite-se e verá que pode ser premiado ou premiada logo na primeira semana, recebendo assim os 250\$00 de prémio do CONCURSO HORA FELIZ.

## SANFER, L. DA

SEDE

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

### José Teodósio da Silva

(Herdalra)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 25 - Telef. 026204-9  
MONTIJO

## AGENDA ELEGANTE

### Aniversários

— Dia 9, o sr. Manuel Antunes completa 31 anos. É natural de Leiria, residente no Brasil e nosso dedicado assinante.

— Dia 12, o menino José Jorge Gomes Tavares de Almeida, neto estimado do nosso dedicado assinante sr. José Tavares de Almeida.

— Dia 13, completa 7 anos o menino António João Ferreira Crespo, filho do nosso estimado assinante sr. José António Crespo de Almeida.

— Dia 14, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Gonçalves Catalim, esposa do nosso prezado assinante sr. Alírio da Costa Catalim.

— Dia 16, o sr. João Sampaio de Oliveira, nosso estimado assinante e conceituado comerciante nesta terra.

— Dia 19, o sr. José Marques, encarregado dos armazéns da Firma Robinson e nosso dedicado assinante.

— Dia 19, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Rodrigues dos Santos, esposa do nosso colaborador sr. José Pereira dos Santos.

— Dia 26, a sr.<sup>a</sup> D. Alda da Veiga Marques Rodrigues, esposa do nosso prezado assinante sr. António Baltazar Tavares Rodrigues.

— Completou 7 anos o menino Cristóvão António Rodrigues Ascenção, neto do nosso dedicado assinante sr. António Baltazar Tavares Rodrigues.

— Dia 26, completa 29 anos a sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida Rosa de Sousa, mãe do nosso estimado assinante, menino Carlos José de Sousa Castiço.

— Dia 26, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Matilde Morgado Quinteiro Carvalho, esposa do nosso redactor desportivo Elisiário Joaquim Carvalho.

— Dia 27, completa 6 anos o menino Vítor Manuel Adão Antunes, filho do nosso estimado assinante sr. Manuel Antunes, residente no Brasil.

— Dia 28, a menina Maria Elisa da Conceição Marques, irmã do nosso funcionário sr. Joaquim Eduardo C. Marques.

### Casamentos

No passado sábado 17, casaram em Montijo a Sr.<sup>a</sup> D. Deonilde Quinteira Romão, filha do Sr. Augusto Romão e de D. Maria Quinteira, com o Sr. Joaquim Miranda de Oliveira, filho do Sr. Francisco de Oliveira e de D. Maria Miranda, todos residentes no lugar do Brejo Lobo.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Deonilde Pratas e o Sr. José Romão, e por parte do noivo a sr.<sup>a</sup> D. Laurinda Miranda de Oliveira e o Sr. João da Costa Moraes.

— Na passada segunda-feira, dia 12 do corrente, realizou-se na Igreja de Fátima, em Lisboa, o enlace matrimonial do sr. Ludgero Brito Soares, conceituado comerciante nesta vila, filho do sr. Adelino Soares e da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Brito Soares, com a gentilhina Maria de La Salette Jesus Ruas.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. João da Silva Sanchinho Barreira, industrial, e sua esposa a sr.<sup>a</sup> D. Fernanda Afonso Barreira; e por parte da noiva, o sr. Albano Lopes Fernandes, Funcionário Superior da Administração do Porto de Lisboa.

Após a cerimónia realizou-se um «Copo de Água» no Salão Lisboa, seguindo os noivos para o norte do país em viagem de núpcias.

— No dia 29 do passado mês, pelas 12,30 horas, na Igreja da Misericórdia de Santiago de Cacém, realizou-se o enlace matrimonial do sr. Fernando da Conceição Lourenço, alfaiate em Montijo, com a gentilhina Ana Maria da Conceição Lourenço.

Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. Bernardino Maria Aranha, industrial, e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes, natural de Odeira, e por parte da noiva, o sr. António José Correia, industrial de barbearia, e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Lourenço.

A todos os casais os sinceros parabéns de «A Província».

# MONTIJO

## FOGO!

No passado sábado, pelas 22,30 horas, declarou-se um violento incêndio na fábrica de Cortiça, «Soberana Corticeira». O incêndio, que se deu por causas desconhecidas, apresenta um prejuízo aproximado a 3.000 contos, o qual está coberto pelo seguro. Ficaram assim sem trabalho 100 operários.

O incêndio deu-se no coração da fábrica, no armazém das máquinas.

Foram chamados os Bombeiros Voluntários da nossa terra que seguiram imediatamente numa viatura com 6 bombeiros, que estavam de piquete. Dado o sinal de alarme, compareceu toda a Corporação, composta de 32 Voluntários, comandada pelo comandante interino sr. Secundino Martins.

O ataque ao incêndio foi feito com a habitual falta de água.

Seguiu-se o corte da energia eléctrica; e só depois é que foi colocada a bomba estanca-rios no viveiro de Peich. Após 8 horas de trabalho consecutivo, substituiu-se essa bomba por 2 auto-tanques, que iam buscar água à Rua João Pedro Iça e andaram 6 horas neste vai-vem.

O rescaldo começou pelas 6 horas, mas ficando sempre um piquete de vigilância, no resto dos armazéns, para onde foram mandados os chefes Manuel Martins Gonçalves, Pompeu Lourenço da Costa e Joaquim Lucas Ferreira.

O fogo ficou extinto pelas 13 horas, — hora a que os bombeiros retiraram para o quartel.

Dirigiram os serviços públicos o comandante da P. S. P. sr. Rogério Ferreira, e encontrava-se presente também o sr. António João Serra Junior, vice-presidente da Câmara, que foram incansáveis na manutenção da ordem.

O Bombeiro N.º 14, de 1.<sup>a</sup> classe, Joaquim Lucas Ferreira, ficou ferido quando no ataque ao incêndio e ao retirar de uma grande pedra que lhe apanhou o dedo grande do pé esquerdo, ocasionando-lhe fractura.

O bombeiro Manuel Martins Gonçalves, no intuito de salvar o que as chamas devoravam, perdeu 300 escudos que tinha recebido de uma condução do Samouco. Pedese à pessoa que os encontrou o favor de entregar no Posto dos Bombeiros Voluntários de Montijo.

## DESASTRES

### Viação

— Nas Caldas da Rainha, onde reside e exerce o lugar de defesa esquerdo no Caldas F. Clube, foi vítima dum choque do seu carro com uma camioneta, o nosso conterrâneo sr. Manuel Fragateiro, de 32 anos. No garro seguiram também sua esposa, sr.<sup>a</sup> D. Fortunata Gaspar Fragateiro, sua sogra, sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Gaspar Aranha, e uma sua filha de 2 anos, Maria Manuela.

No choque ficaram feridos a filha e a sogra daquele nosso conterrâneo, as quais foram internadas na Casa de Saúde do Montepio das Caldas. Ele e sua Esposa ficaram ileso.

Lamentamos o sucedido e desejamos o rápido restabelecimento das feridas.

— Também perto de Parchão (Estômbar), Algarve, deu uma queda da sua moto o 1.<sup>o</sup> Cabo Aviador sr. Jaime Ferreira, da Base Aérea N.º 6 - Montijo, pelo que ficou muito ferido na cabeça e sem fala, recolhendo ao hospital de Portimão. Aquele sr. Jaime Ferreira é natural de Azeitão e filho do sr. Manuel Jacinto Ferreira e da sr.<sup>a</sup> D. Clarisse Lopes Ferreira. Lamentamos igualmente e fazemos iguais votos.

### Vários

— No passado dia 16, foi encontrado caído na berma da estrada do Lavradio para o Barreiro, o sr. António José Rodrigues, viuvo, de 56 anos, oficial de diligências no Tribunal da Comarca. Como estivesse muito ferido na cabeça, foi transportado para a Misericórdia do Barreiro e daí para o nosso hospital na ambulância dos B. V. de Montijo.

### Manifesto de porcos da montanheira

Estão em distribuição nos Grémios da Lavoura os impressos destinados ao manifesto de porcos gordos da montanheira, que os interessados devem preencher de modo a que os respectivos Grémios os possam remeter à Delegação desta Junta, até ao dia 15 de Dezembro próximo.

Montijo, 12 de Novembro de 1956

Pelo Sub-Delegado

Francisco José Rodrigues

## Grupo Artístico

### Montijense

Damos aos nossos leitores a agradável notícia de que este nosso Grupo Cénico e Musical está na possibilidade de se deslocar à vizinha vila de Alcochete, onde dará um espectáculo em homenagem à Sociedade F. Imparcial, daquela vila.

Estamos convencidos de que, removidas certas dificuldades pendentes, será um facto em breve essa deslocação.

Regoziamo-nos com esta possibilidade de as duas terras mais se aproximarem, tanto mais por intermédio duma tão interessante iniciativa.

Esperamos dar a notícia em definitivo num dos próximos números de «A Província».

## Montijenses

O Natal avizinha-se e a Conferência de S. Vicente de Paulo, da Base Aérea do Montijo, resolveu fazer uma campanha no sentido de amenizar um pouco a miséria de que estão possuídas algumas das vossas famílias, e extremamente pobres e por nós socorridas, mas na impossibilidade de por si sós, poderem satisfazer plenamente os seus desejos, vinham por este meio implorar a vossa magna generosidade, podendo todas as ex.<sup>mas</sup> pessoas que se dignarem ajudar-nos no nosso objectivo, entregar os seus donativos nas casas comerciais de Viúva e Filhos de Román Sanchez e de Tobias Cabeleireiro.

Informamos ainda de que faremos uma visita a todas as casas comerciais, no mesmo sentido.

A todos, particulares e comerciantes, antecipadamente, muito reconhecida, agradece

A Conferência

### No Musical Clube Alfredo Keil

Realiza-se hoje, 22, pelas 22 horas, um Serão Cultural em que o Sr. Jorge Manuel Rosado Peixinho Marques, aluno laureado do Conservatório Nacional de Música, com o Curso Superior de Composição, dissertará sobre: «A Sonata, seus antecedentes e sua evolução através dos tempos».

Pelo autor serão executados, ao piano, diversos trechos relacionados com o trabalho que vai apresentar.

Muito gratos pelo convite.

### 1 respassa-se

— ARMAZÉM de Cereais, Palhas e Aduhos, em S. Francisco-Alcochete, por não se poder estar à testa. Trata José Elias Júnior.

### Vendem-se

— MORADIA no Bairro Novo do Parque 4 divisões, quintal, poço e serventia de lado, nesta Redacção se informa.

— CARRO, estado novo, com direito à praça. Nesta Redacção se informa.

Teodo V. Ex.<sup>a</sup> que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

**Luís Moreira da Silva**

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

## AGENDA UTILITÁRIA

### Farmácias de Serviço

5.<sup>a</sup>-feira, 22 — *Moderna*

6.<sup>a</sup>-feira, 23 — *Diogo*

Sábado, 24 — *Giraldes*

Domingo, 25 — *Montepio*

2.<sup>a</sup>-feira, 26 — *Moderna*

3.<sup>a</sup>-feira, 27 — *Diogo*

4.<sup>a</sup>-feira, 28 — *Giraldes*

### Boletim Religioso

#### Culto Católico

##### MISSAS

5.<sup>a</sup>-feira — às 8,30 e 9 horas.

6.<sup>a</sup>-feira — às 9 e 9,30 horas.

Sábado — às 8,30 e 9 horas.

Domingo — às 8, 10, 11,30 e 19;

no Afonsoeiro, 11,30 e 18 h.

### Espectáculos

#### CINE POPULAR

5.<sup>a</sup> feira, 22; Richard Conte num filme esmagador, «Código do Crime» e a interessante comédia, «O Professor e a Corista».

6.<sup>a</sup> feira, 23; Novamente e a pedido, o excelente filme dos contos das mil e uma noites «O Filho de Simbad» e «Liberdade Perigosa».

Sábado, 24; Uma produção grandiosa e original, «Os Nossos Tempos» com variados complementos curtos.

Domingo, 25; Uma ardente e comovedora história de amor «Um só Desejo» com interessantes complementos curtos.

2.<sup>a</sup> feira, 26; A insinuante artista Marina Vlady, em «Sofia e o Crime» adaptação cinematográfica do melhor romance policial; em complemento a célebre reprise, «Rasputine».

3.<sup>a</sup> feira, 27; Joan Crawford e Jeff Chandler no filme de suspense, «A Casa da Praia» e «A Cidade do Aço».

4.<sup>a</sup> feira, 28; Um filme alegre com Renato Rascel, «Escolhi o Amor».

#### CINEMA 1.º DEZEMBRO

5.<sup>a</sup> feira, 22; (Para 13 anos), o filme de gargalhada com Cantinflas, «Nem Sangue... Nem Arena» e o filme de aventuras, «A Mina da Porta Fechada».

6.<sup>a</sup> feira, 23; (Para 13 anos), em duas sessões, às 20 e às 22,15 horas; O filme que foi o maior êxito mundial em todo o mundo «Ritmo do Século», ainda lindos complementos.

Sábado, 24; (Para 13 anos), o lindo filme português com António Silva, Oscar de Lemos, e Maria Domingas «João Ratão» e o lindo filme musical em Technicolor, «O Dona Elvira».

Domingo, 25; (Para 13 anos), um drama espanhol, «Um Homem e Dois Caminhos» e o grande filme cómico, «O Rei dos Borlistas».

2.<sup>a</sup> feira, 26; (Para 13 anos), o lindo filme espanhol, «Adeus Sevilha» e o filme de aventuras «O Príncipe Corsário».

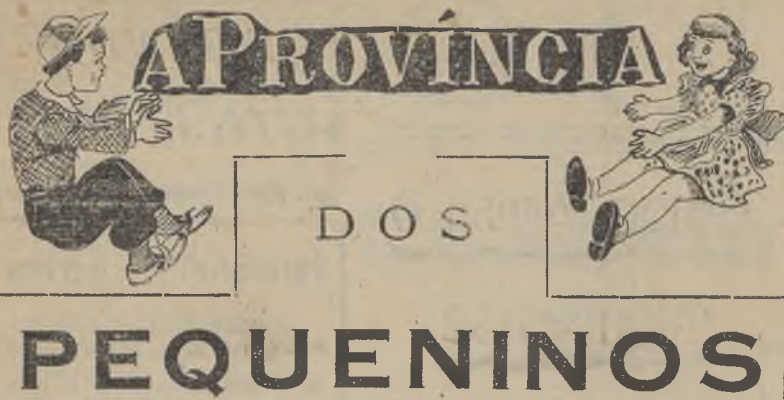
3.<sup>a</sup> feira, 27; (Para 18 anos), o grande cómico Mazzaroppi (o Cantinflas brasileiro), numa fábrica de gargalhadas «Nadando em Dinheiro» e ainda lindos complementos.

4.<sup>a</sup> feira, 28; (Para 18 anos), a pedido o famoso filme em Cinemascope «A Colina da Saudade».

### Graduação alcoólica dos vinhos

Por uma portaria de 6 de Novembro, foi fixada em 12 graus centesimais a força alcoólica dos vinhos de pasto ou de consumo no Distrito de Setúbal.

Este número de «A Província» foi visado pela  
CENSURA



CULTURA

RECREIO

INFORMAÇÃO



## Meus Amiguinhos

Apesar de não estar completamente satisfeito com o vosso comportamento em relação a esta vossa página, não deixo de estar um pouco alegre por me terem enviado algumas respostas aos concursos.

Continuem, pois, respondendo e mandem sempre a vossa colaboração, que até agora tem sido pouca, para «Página Infantil» de «A Província», o que muito lhes agradece o vosso sempre amigo

José Alvaro

## Lição de história O quadrado de Marraquene

Para salvar Lourenço Marques, frequentemente cubizada pelos cafres e vátuas, e para assegurar e solidificar a nossa soberania nos territórios africanos, saíram de Portugal cerca de três mil homens, em que viriam mais tarde a glorificar o nosso País e torná-lo respeitado pelos estrangeiros.

Os portugueses, reocupando Amguane, desafrontando Lourenço Marques, batendo os cafres em Marraquene, derrotando-os em Magul, vencendo-os em Coolela,

trouxeram para Portugal um dos maiores triunfos da nossa História.

Em Marraquene, no dia 28 de Junho de 1854, os portugueses, com cerca de 800 homens, num combate de hora e meia, conseguiram pôr em debandada os cafres que ainda sobreviviam ao seu fogo certo.

O combate revestia proporções formidáveis em todas as faces do quadrado, varejadas como que por uma chuva de balas; mas o empenho posto na luta por aqueles valentes soldados fez recobrar os ânimos.

Esta foi, enfim, uma verdadeira batalha.

Ao nascer do novo dia veio com ele o vivo fulgor da vitória. Ao fim e ao cabo os portugueses tinham perdido, entre mortos e feridos, cerca de 50 homens, ao passo que o inimigo perdera 300 guerreiros.

## A D. RÃ

(QUANDO OS ANIMAIS FALAVAM)

A D. Rã morava numa casinha, à beira dum grande lago.

Estava ela muito sossegada nessa sua casinha, quando o seu primo «Dr. Sapo-papa-moscas» a foi visitar.

Depois de muitos cumprimentos e salamaleques, o Dr. Sapo começou a meter na cabeça da vaidosa prima a organização duma escola para toda a comunidade animal da região.

A priminha não se convencia; mas, depois de o Dr. Sapo se retirar, disse lá para os seus botões:

— E porque não? O primo Sapo diz bem. Porque não hei-de organizar uma escola?

E assim pensando, organizou a escola que, no prazo de oito dias, estava construída e a funcionar.

Era, então, frequentada por outras rãs, coelhos, sapos, lindos pássaros, etc.

Mas, como era a tal vaidosa, não se ficou por ali.

Tratou logo de arranjar um campo de jogos, um pátio de recreio, um ginásio, uma cantina para as refeições, — eu sei lá!

O que ela queria, era ver se os habitantes da região a classificavam o animal mais esperto e depois presidente da câmara...

Quando já tinha tudo isso organizado, veio um temporal formidável e destruiu tudo quanto a D. Rã vaidosa tinha organizado e construído.

E desta maneira, se a D. Rã não fosse movida pela vaidade de tanto querer, não perderia certamente o que julgara o seu tesouro.

(Entre todos que nos enviarem a moralidade certa desta história, será sorteado um lindo livro.)

A. B.

## As Estudantes

De bata imaculadamente branca, olhar perdido na imensidade dos pensamentos em desalinho, aquela figura apagada passeava no parque da Escola.

O negro do olhar contradizia com o castanho dourado do cabelo. Este, batendo nos ombros, deixava que os seus caracóis caprichosamente se soltassem. De corpo frágil, ela avançava, cabisbaixa, triste, e melancólica. Trazia na mão uma pequena agenda onde o lápis firme rabiscou algumas notas, insignificantes para os outros, mas mais preciosas que pérolas para ela.

Avançando por entre os maciços do parque da Escola, envergando uma bata de igual brancura, uma rapariga que parecia trazer a vida nos braços, caminhava com o livro de francês na mão, lápis na boca... cantarolando uma canção adequada ao ambiente: «Meus Senhores, quem quer comprar ilusões...» e terminou a sua melodiosa cantoria com uma gargalhada cristalina, daquelas que só a mocidade sabe dar, pois os lábios, como pétalas de rosa, conservavam o orvalho do belo jardim «Juventude».

Aos gritos e gargalhadas, pelo facto do professor de Inglês não ter dado aula, depressa aquele parque, outrora silencioso, se tornou o auge da alegria e boa disposição:

— «ESTUDANTES» gente moça e alegre, que ri, chora e canta, envergando a tua bata branca com orgulho, alheia ao que se passa em teu redor, cuidas dos teus problemas escolares e sentimentais, sem ergueres o olhar para esse mundo até então desconhecido... mas que, dentro em pouco te pertencerá. Ficarás olhando com saudade, e teus olhos arrasar-se-ão de sentidas lágrimas por esse tempo maravilhoso em que estudaste, e sentirás decerto remorsos por não te teres esforçado mais, alcançando melhores classificações. Sentirás saudade das contrariedades e desilusões que sofreste! Sim! Porque é a juventude que sofre os profundos golpes da Desilusão.

Mas, como diz o ditado, não devemos olhar para trás mas sim seguir a recta traçada pelo destino. Essa gente que constitui um mundo só — «as Estudantes» — saberão caminhar por um caminho iluminado, primeiramente pelas luzes que trouxeram desses anos de estudo, para depois o tornarem num maravilhoso arco de luz de variadas cores.

Chegaram as Férias! E com elas uma satisfação ilimitada.

Havia promessas de visitas e de correspondência e os votos de

umas férias felizes andavam no ar, como as folhas secas amarelecidas pelo Outono e arrancadas impiedosamente pela desagradável chuva e vento.

Naquele dia o Sol tinha despondido risonho, viria certamente aquecer aquele majestoso edifício, de corredores sombrios e de janelas amplas. A chuva cessara. Agora já não havia o entusiasmo de partir. Não! Em cada rosto, em cada olhar havia uma sombra de melancolia que não as deixava saltar.

O relógio da torre batera as 17 horas da tarde. Já no céu vinham salpicando as estrelas, e a lua com os seus luminosos raios iluminava aquele edifício solitário, outrora auge de risos e gargalhadas cristalinas, dessas almas puras e juvenis que sonham com um futuro risonho... AS ESTUDANTES!

Maria Raquel C. Pinto

## Questionário

- 1.<sup>a</sup> — Como se chamam os habitantes de Castelo Branco?
  - 2.<sup>a</sup> — Como se chamam os habitantes da cidade da Guarda?
  - 3.<sup>a</sup> — Em que data se travou a batalha de Aljubarrota?
  - 4.<sup>a</sup> — Quem descobriu a Ilha da Madeira, em 1419?
  - 5.<sup>a</sup> — Qual é o macho da perdiz e a fêmea do pardal?
  - 6.<sup>a</sup> — Qual é a superfície dum terreno com a forma dum triângulo, sabendo-se que tem 200 metros de altura e 80 de base?
  - 7.<sup>a</sup> — Como se chama o ponto em que a órbita dum planeta está mais próxima da Terra? E aquele em que está mais longe?
- Será sorteada uma linda CAIXA DE BOMBONS entre os que acertarem em cinco destas perguntas.

## AS LEBRES

As lebres têm nos dentes incisivos superiores o grande carácterístico, que as distingue, isto é, são duplicados, tendo cada um deles, detrás, outro mais pequeno.

Os seus molares são formados como de lâminas verticais, unidas umas com as outras.

Têm cinco dedos nas mãos e quatro nos pés.

O intestino cego cinco ou seis vezes maior do que o estômago, e guarnecido por dentro, em todo o seu comprimento, duma lâmina espiral.

A «ordinária» é dum pardo arruivado, com as pontas das orelhas pretas. A cauda é preta por cima e branca por baixo.

A sua carne é muito estimada e o pelo muito útil para certas manufacturas.

Não se encova, dorme no chão. E quando a caçam, corre velocemente nas campinas, fazendo muitos giros.

## Anedotas

Professor — De cada vez que tu respiras, morre um homem...

Aluno — Lamento muito que assim seja, mas se não respirar, com certeza sou eu quem morre...

## História de cenouras

Um compadre para outro:  
— Se sentires que estás a ver menos, come cenouras.  
— Ora esta, para quê?  
— Para quê? Dize-me lá se já topaste com algum coelho de óculos?

## OS NOSSOS CONCURSOS

Recebemos muitas respostas aos nossos Concursos. 71 postais, dos quais só 37 acertaram no «Monumento» e 24 na «moralidade do conto». O monumento era, a Sé de Évora, e a moralidade do conto era: «A união faz a força».

Depois do sorteio, verificámos que o prémio, atribuído ao Concurso «Monumentos», coube à Menina Adélia da Conceição dos Santos Magro, moradora em Évora, e o da «Moralidade da história», à Menina Maria dos Anjos Correia da Costa, moradora em Montijo. Os prémios já seguiram para os

seus destinos, por intermédio do Correio.

Espero que voltem a responder muitos mais aos nossos Concursos Infantis. Prometem?

## Telefones de urgência

Hospital, 026 046  
Serviços Médico Sociais, 026 198  
Bombeiros, 026 048  
Taxis, 026 025  
Ponte dos Vapores, 026 425  
Polícia, 026 144



Oram vejam lá se são capazes de nos dizer onde fica a ponte que publicamos.

- Será em Setúbal?
- Será em Benavente?
- Será na Golegã?
- Será em Vila Franca de Xira.

Mandem num simples postal a resposta e terão um lindo prémio, sorteado entre os que acertarem.

## Estabelecimentos que recomendamos:

### Foto Montijense DE A. MONTEIRO

A moderna casa de artigos fotográficos. Instalações únicas neste concelho. Fotografia Comercial e Artística. Execução perfeita.

Pr. 1.º de Maio, 4 - MONTIJO

### CASA FAZ CHUVA DE Carlos Ant. da Costa (Herd.)

As maiores novidades em calçado de criança, camisaria e sapataria.

Avenida João de Deus, 1 a 5  
Rua Serpa Pinto, 4

MONTIJO

### O BARATEIRO de — Eusébio Anjos Peixinho

Especialidade em panos de lençóis — Panqueiro — Completo sortido em Adereços para noiva — Malhas — Peúgas — Malhas de roupa e de viagem e Artigos de Novidades — Cortes para fato.

R. Afonso Palo, 5 - MONTIJO

### O Grande Barateiro

Manuel Godinho  
Continua com a grande revelação de preços

Calçado, fatos, chapéus, malhas e muitas outras miudezas.

Rua Bulhão Pato, 67  
Telefone 026 424 MONTIJO

# POR TERRAS GALEGAS O que pedimos à filosofia

## A todos os meus companheiros de viagem Santiago de Compostela

VIII

Saimos de La Toja bastante tarde.

Seguimos para Santiago de Compostela, onde fomos almoçar para as tantas do dia. Aquela maratona até o balneário da ilha atrassara a marcha da viagem.

A distância, porém era curta, — vinte e tal quilômetros —, e foi o que valeu.

Apesar das fraquezas gerais, «a bordo» continua a algaraviada. Canta-se, «pan-deireta-se», vai tudo na mesma alegria e disposição. No entanto, o tempo continua ameaçador e as nuvens aparecem cada vez mais carregadas...

Chegámos a Santiago e arrumou-se o autocarro no parque de estacionamento. Ali encontrámos outra excursão de portugueses e houve as habituais manifestações.

Antes de mais, fomos ao almoço.

É, porque a ementa fosse na verdade magnífica, ou porque a vontade fosse imperativa, o almoço foi de rebimba! Serviram-nos maravilhosamente e por um preço bem razoável.

Assim reconfortados, fomos então à vida...

*Ao San Sebastian rubamos na cima da Pico sagro, para ver raiar o sol nas terras de Sant-Yago!*

Diz o canto popular, e assim seria se não comesse a chover e o sol não tivesse desaparecido nas escuridões.

Maldito e estúpido tempo que nos persegue e não nos deixa contemplar, em descanso, as belezas que nos esperam!

Santiago é uma verdadeira metrópole de arte, ciência e fé.

Os seus monumentos requeriam demorada observação. As horas, porém, escoam-se rapidamente e temos que nos limitar à corrida do costume.

Notámos que a cidade se divide claramente em parte antiga e parte moderna. A antiga, cuja fundação data do século IX, é onde se situam os templos, as universidades, os colégios, institutos, escolas; a moderna, acompanhando a medieval, consta de formosos jardins e parque, edifícios de certo modo pretenciosos, avenidas rasgadas e ruas amplas e compridas. No jardim do parque, onde o autocarro estacionou, lá estava o pequeno busto de Rosália de Castro, — a poetisa galega de que não sou capaz de encontrar a biografia em publicação.

Por toda a parte um movimento enorme de veículos e de gente em circulação. Excursões, automóveis, estudantes, peregrinos, grupos enchendo os «passeios», — um labirinto de pessoas e de línguas! A cidade, não obstante o seu aspecto se-

vero e pesado, tem um ar agradável e respira-se um ambiente artístico de profundo impressionismo. A pedra anda em manifestações arquitectónicas a nosso lado, — igrejas, conventos, colegiadas, toda uma história

Crónicas e Reportagens  
por  
Álvaro Valente

religiosa de que Santiago é largo repositório.

Entre todos os monumentos espirituais, há que preferir a catedral, — sem dúvida das mais importantes de Espanha, pela arte, pela tradição, pelo significado.

Não trago a veleidade estulta de a descrever, nem tal seria possível com meia hora de observação. Subimos as escadarias monumentais entre catadupas que já alagavam as praças adjacentes, depois dum fugidio olhar para a fachada deslumbrante. Entrámos e logo o cicerone nos leva para o altar mor, onde o Apóstolo tem sua imagem.

Algumas senhoras portuguesas que nos acompanham, já sabem o que é hábito ali fazer: passar os braços pela imagem e segredar um desejo. Todos os presentes o fazem. Eu sigo o exemplo (nunca gostei de me celebra-

zar pela excepção). Também abraço e também peço. O meu pedido, porém, não constitui segredo. Digo apenas: Que a Paz em todo o mundo seja uma realidade! E fico à espera, até este momento, do deferimento do meu sincero pedido...

A obra de pedra e de talha é esplendorosa, deslumbrante! Não sabe a vista para onde se inclinar. A catedral é um museu de arte, repleto de pormenores excepcionais, de motivos assombrosos, de expressivos recantos de beleza eterna. O vestíbulo é todo um retábulo de valiosos trabalhos em pedra. As estátuas, os grupos, as decorações, as alterosas colunas maravilham-nos o espírito e perturbam-nos o entendimento. Não há descrição possível. Só indo lá, só vendo com os próprios olhos.

Vamos a sair e as enxurradas não nos deixam. As ruas laterais vão transformadas em rios caudalosos. Olho a torre do relógio e fico-me a cismar: Que admirável construção e que linda flecha em direcção aos céus!

A hora da partida, porém, impõe-nos a travessia das cheias. Temos que nos aventurar e metermo-nos ao tempo inclemente. Chegamos ao parque de estacionamento completamente encharcados. Estávamos em pleno inverno!

(Continua)

## NOVO ENCONTRO COM O SENHOR X

(Continuação da primeira página)

— ... do meu subconsciente. Eu sei. Como vê, assim que me apercebi do meu desejo, apressei-me a aparecer. Mas como não queria vir de mãos a abanar, trago-lhe este precioso livrinho que encontrei desgarrado entre a minha velha papelada. Já nem me lembrava dele. É um livrinho útil, cheio de bons ensinamentos. Traz umas achegazinhas para a formação do espírito humano, aponta excelentes regras de educação, que é, no fim de contas, do que mais carece o portuguêsinho valente e aventureiro.

E lê-me esta passagem: «a família é uma pequena sociedade; o amor da família é a melhor aprendizagem para cada um saber cumprir os seus deveres para com a sociedade; quem sai da família sem respeito pelos seus membros, nunca pode vir a ter respeito aos que lhe são estranhos».

— Isso é velho e relho, meu amigo, observei-lhe eu; mas nem por isso, realmente, deixa de ser verdadeiro, profundamente verdadeiro. Mas deve haver aí coisa melhor para sublinhar.

— Pois claro que há. Olhe para isto, que pode lindamente aplicar-se a muita

gente que nós conhecemos, com a qual topamos todos os dias neste vai-vem da vida: «ninguém tenha a pretensão de ser perfeito; a melhor superioridade é a consciência do dever cumprido; se o superior não está à altura da sua situação, ou cede o lugar a quem o esteja, ou mais tarde ou mais cedo cai miseravelmente, deixando de ser superior».

Agora sou eu, já com o livrinho na mão, que o folheio em procura de sentenças apropriadas a casos que conheço.

— Olhe para isto, meu caro, e veja se se lembra em quem pode ser enfiada a carapuça: «nunca se deve ser intriguista, andando a dizer a umas pessoas o que se passa em casa dos outros; a intriga tem sido a causa de muitas lutas e de muitos crimes».

E separámo-nos. A conversa já ia longa. Eu enfiei para o meu habitual café a rabiscar estas linhas, e ele, o senhor X, sempre sorridente e bonacheirão, mas por vezes mordaz, segue passeio fora, confiado no ainda rijo arcaboço e que tem a virtude de conhecer os homens e as mentiras que os elevam.

Amaral Frazão

e opiniões constituem a *filosofia de cada um*.

O sr. A, que nunca abriu um compêndio de Filosofia e que possivelmente nunca ouviu falar em tal, acredita que para a Humanidade é preferível que cada um viva como lhe apetecer, sem dar satisfações à colectividade? O Sr. A. tem uma posição filosófica e da maior importância; se acreditar no contrário, isto é, se julgar preferível para a Humanidade que cada um viva de forma mais proveitosa para os demais, as consequências serão igualmente importantes mas muitíssimo diferentes.

A tarefa que cada homem deve impor a si próprio é controlar essas crenças e opiniões, uma vez consciencializadas. Dessa forma, certamente, os problemas ver-se-ão com maior nitidez e

maior segurança. Abandonando as preocupações de «filosofice» e imaginários problemas interiores que conduzem a artificialismos subjectivistas, cada indivíduo deve, partindo da sua posição concreta, examinar as suas crenças. Revistas as ideias feitas, cada um deve procurar explicar os factos a partir dos factos e ter presente que uma filosofia não é só uma teoria, é também um guia para a acção.

O primeiro trabalho que se impõe é, como diz o Prof. H. Levy, trazer a Filosofia para a Terra, fazê-la abandonar as regiões etéreas por onde tem andado e transformá-la num instrumento fecundo ao serviço dos homens. «Se uma filosofia não ilumina a prática da vida quotidiana, ela falha na sua função».

Pedro Araújo

## PORTUGAL

### e a energia atómica

Neste conturbado século da era atómica, Portugal não podia ficar fora do concerto das Nações que envidam esforços, e mesmo grandes sacrifícios, para o domínio do átomo.

A par do carvão, do petróleo e da energia hidráulica, poderemos dizer que os estudos e tentativas de aproveitamento das nossas reservas de materiais cívicos estão no primeiro plano das preocupações governamentais.

Falando na conferência que se realizou em Nova Iorque, com o fim de discutir o futuro estatuto da Agência Internacional da Energia Atómica, o delegado português, Embaixador Dr. Vasco Guérin, afirmou «que Portugal com a sua importante produção de matérias-primas, está em posição de poder dar auxílio valioso à Agência a fundar e, através dela, ajudar indirectamente outros países do Mundo a beneficiar do futuro desenvolvimento do átomo».

Os problemas relativos à energia atómica estão a ser estudados em Portugal com a maior atenção e o mais vivo interesse, no campo da técnica e da organização. Foi já constituída há dois anos a Junta de Energia Nuclear; será iniciada, em breve, a construção de um laboratório de tecnologia física e nuclear, e espera-se que muito em breve chegará a Lisboa o primeiro reactor, obtido ao abrigo dos termos do acordo bilateral, negociado com os Estados Unidos».

Prosseguindo, o Dr. Vasco Guérin afirmou que, em Portugal, nos últimos anos, se têm extraído grandes quantidades de urânio. Tanto a quantidade como a qualidade dos minérios e o facto destes se encontrarem localizados a razoável distância dos grandes centros mundiais de preparação, colocam o país bem à frente dos países produtores de materiais básicos.

Há bem fundadas esperanças de que esta posição se consolidará em breve, como resultado da intensiva prospecção de urânio e outros materiais fissionáveis, que está a ser levada a cabo, já com resultados satisfatórios, em diferentes partes do País.

Especialistas estão a ser treinados, a fim de começar no próximo ano a prospecção, por equipas, do urânio e doutros materiais básicos, nas províncias ultramarinas de Angola e Moçambique. Existe a certeza dos seus territórios virem a ser, em devido tempo, também importantes fontes desses materiais raros.

Algumas afirmações do representante permanente de Portugal

na O. N. U., estão agora devidamente documentadas na Exposição «Atomos» para a Paz, inaugurada no dia 6, no Instituto Superior Técnico, na presença dos Ministros da Presidência, dos Negócios Estrangeiros, da Educação, das Obras Públicas e doutros membros do Governo.

Durante o acto inaugural, o Encarregado de Negócios dos Estados Unidos leu uma mensagem especial enviada pelo presidente Eisenhower em que diz: «Envio as minhas saudações às entidades oficiais e a todos os presentes na Exposição Atómica de Lisboa».

Os Ministros da Presidência, Negócios Estrangeiros, Educação Nacional e Obras Públicas; Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria e das Obras Públicas; Presidente do Instituto de Alta Cultura; Director Geral do Ensino Primário e muitas outras entidades nacionais, membros do corpo diplomático e outras individualidades estrangeiras, percorreram, depois, demoradamente, as salas da Exposição «Atomo para a Paz», mais uma iniciativa que, no plano da solidariedade internacional, bem demonstra o espírito de cooperação entre os Estados Unidos e Portugal, servindo igualmente para documentar o progresso e avanço dos estudos e pesquisas atómicas na Metrópole, em vésperas de concluir-se com o completo estudo do Ultramar, o qual virá abrir perspectivas amplas no emprego pacífico da energia atómica. — (C.)



TELEVISÃO

Agente:

A. J. Ventura & Filho, L.<sup>da</sup>R. Guerra Junqueiro, n.º 4  
Telef. 026495 MONTIJO

Este número de «A Província» foi visado pela  
CENSURA

# DESPORTOS

## Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

### Montijo, 2 - Montemor, 1

Equipas:

*Desport. Montijo*:—Redol; Valentim e Anica; Serralha, Manuel Luis, e Santana; Barriga, Veredas, Neto, Mora, e Ernesto.

*União Sport*:— Lisboa; Valério e Gatinho; Jordão, Pinho, e Pascoal; Carmo, Balbino, Narciso, Vinueza, e Rui Lopes.

Árbitro:— Joaquim Baptista, de Lisboa.

Campo: «Luis Fidalgo», em Montijo.

O encontro dos montijen-

ses com os montemorenses revestiu-se de certo interesse, pela situação em que os dois grupos se encontravam perante a classificação geral.

No entanto, a poucos minutos do início, era já nitida a superioridade do Desportivo. É certo que a defesa montemorense fraquejou e principalmente o seu guarda-redes concorreu para que essa superioridade logo se acentuasse.

E não fora a série de «fa-

lanços» e de golpes de pouca sorte, e o «score» teria sido muito superior também, a favor de Montijo.

Na 1.ª parte, os alentejanos marcaram, não obstante, o 1.º golo por intermédio de Narciso, aos 9 minutos.

A reacção não se fez esperar. Os locais, apoiados nos seus elementos defensivos, nomeadamente Manuel Luis e Neto, levaram essa reacção até o empate.

E dentro em pouco, aos 28 minutos de jogo, Ernesto fez o golo da vitória.

O «score» manteve-se assim, sem dúvida devido às causas apontadas, e ainda pela apatia da ala direita que não correspondeu ao esforço geral.

O Desportivo de Montijo venceu porque devia vencer e porque bem o mereceu. Cremos que os próprios montemorenses o reconheceram, dada a aludida superioridade e a actuação infeliz, e até destrambelhada, de Lisboa.

Embora os alentejanos tivessem lutado com ardor, em especial Vinueza, nunca conseguiram «furar» a homogeneidade do grupo local é modificar a soberba «forma» como se apresentou neste encontro.

O trabalho do árbitro foi assim simplificado, sem necessidade de resolver incidentes, nem casos duvidosos, podendo, por isto mesmo, classificar-se de excelente.

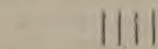
O Desportivo de Montijo ficou, portanto, em segundo lugar na classificação geral com 17 pontos, levando apenas à sua frente o Farense com 19.

Ora a diferença é tão pequena que cabe muito bem, mais uma vez, a nossa frase habitual: Avante! Avante!

João di cá

### DR. EDUARDO PERDIGÃO

Clinica Geral - Operações



Consultório e Residência:

R. José Joaquim Marques, 28

Telef. 026473

### BAILES

1.º de Dezembro

— Na Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, realiza-se no próximo Domingo, 25, mais um deslumbrante baile no grandioso salão da sua sede. Abrilhantado este baile o conjunto Musical Unidos do Jazz do Ato Estanqueiro.

Banda Democrática

— Também na Banda Democrática 2 Janeiro, no mesmo dia, se realiza outro baile, abrilhantado pela categorizada orquestra Eldorado.

## Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 8

Acertaram em 11 resultados, 2 concorrentes

Os Srs: João Augusto Borges Bento, do *Fundão* e José Gonzalez, R. dos *Fanqueiros*, 122-1.º *Dr.* — Lisboa.

Cupão N.º 9

Acertaram em 10 resultados, 6 concorrentes

Os Srs.: António Baitazar Valente R. D., R. *Gago Coutinho*, 114 — *Montijo* — Rogério Manuel Soeiro Pires, R. da *Barrosa*, 32 — *Montijo* — Mário Salgueiro Humberto Ramos — *Canha* — Gabriel Elisio, R. *Almirante Reis*, 135 — *Montijo* — Edmundo Gomes Guilherme, R. *Fontainhas*, 114-1.º — *Setúbal* e Ricardo Trinca, R. *José Joaquim Marques* — *Montijo*.

Todos os premiados deverão levantar nesta Redacção as senhas que os habilitam aos respectivos prémios, excepção dos concorrentes domiciliados fora de Montijo, aos quais lhe serão enviados os prémios.

Prémios para o cupão n.º 11

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compensação em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos em Montijo.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 11

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1.ª Divisão		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Lusitano	Académica	Coruchense	Beja
Benfica	Torreense	Almada	Estoril
Sporting	Barreirense	Juventude	Farense
Covilhã	Setúbal	Olhanense	Montemor
Porto	Oriental	Portalegre	Montijo
Cuf	Atlético	Olivais	Arroios
Caldas	Belenenses	Portimone.	«Os Leões»

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

«A Província»

Cupão N.º 11

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 2

## Columbofilia

### Conversando com Adelino Jóia

Do Departamento Columbófilo do Clube de Regatas

Vasco da Gama do Rio de Janeiro

(Continuação do número anterior)

— Muito me admirou, e não quero deixar de salientar numa solta que fui delegado, a proeza cometida pelas aves de um dos mais reputados amadores brasileiros, senhor Sargento Vilar, que constou no mesmo dia de Montes Claros - Rio de Janeiro, 8 fêmeas, cujo feito foi considerado um dos maiores êxitos da columbofilia brasileira de todos os tempos.

— Que transporte costumam utilizar nas provas longas?

— Utilizamos o avião, posto à nossa disposição pelo Ministério da Guerra.

— Qual o método mais usado no Brasil?

— Creio que uma esmagadora maioria concorre ao natural, porque a vividez requer muita paciência e muito trabalho, daí, derivado aos nossos afazeres, o natural é o método mais preferido.

— Teria muito prazer que nos informasse, se o esforço do amator é bem compensado em prémios?

— Os prémios propriamente ditos, são poucos, nos concursos longos; é oferecida pelo Ministério da Guerra, a que estamos agregados, ao primeiro classificado uma medalha em ouro.

— Surpreende-me bastante a vossa resposta, pois não faz sentido que só o esforço de um amator seja compensado.

— Por notícias de alguns amigos do Brasil, sei que o Departamento C. do Clube de Regatas Vasco da Gama, atribuiu, nesta campanha, prémios até ao décimo classificado, gesto muito nobre e que deve servir de estímulo às outras Sociedades Co-ir mãs, indo valorizar muito a expansão da modalidade no Rio de Janeiro.

— Regressando ao Brasil, espera continuar a concursar?

— Vou na expectativa de concorrer, não regateando esforços, para atingir posição de relevo, pois conto com adversários muito poderosos como os portugueses Alberto Rodrigues e Alberto Leal, e o brasileiro Dr. Pascoal Vila-Boim e tantos outros que de momento não me ocorrem.

— Em que Sociedade pretende concursar?

— Sabe, eu sou torcedor do Vasco da Gama, como todo o português, eis o motivo da minha simpatia, pelo que irei para o seu departamento concursar.

— Sr. Jóia, acho que já deu uma pequena ideia aos nossos leitores do movimento columbófilo brasileiro; e se falássemos da columbofilia lusa, que nos diz?

— Sim, de acordo, meu amigo, seria uma indelicadeza da minha parte se não abordássemos esse assunto.

— Acha que a columbofilia nacional encontra-se muito desenvolvida?

— Sim, muitíssimo; dizer o contrário, seria faltar à verdade. Quando emigrei, poucas terras tinham sociedade columbófila, hoje raro é aquela que não possui pelo menos uma turma.

— O senhor tem visitado muitos pombais?

— Numerosíssimos, e bastante me surpreendeu a categoria das aves; ainda nalgumas terras se encontram amarrados a velhas culturas, que eu já conhecia, mas outras como Montijo, digo-lhe com sinceridade, não com espírito de lisonja, encantaram-me, fiquei impressionadíssimo com aves que encontrei em quase todos os pombais, um tipo de ave pequena, como nós gostamos no Brasil.

— Não nos surpreende a vossa maneira de ver, pois devemos esse tipo de ave ao grande amator montijense sr. António Rodrigues Tavares, que importando vários tipos de aves da Bélgica, principalmente do criador Fortan, temos realizado magníficas provas. Muito lhe devemos pelos gestos altruístas de nos ter oferecido filhotes, como se diz no Brasil, contribuindo notavelmente para o desenvolvimento da columbofilia montijense. Tenciono adquirir algumas aves para levar para o Brasil?

— Estou fazendo ideias, e não sei como agradecer a gentileza de alguns amadores montijenses que me ofereceram filhotes; estou magnificamente sensibilizado com tanto carinho que encontrei nesta boa terra, e até me convidaram a presidir à entrega dos prémios desta campanha da turma. Creia que não encontro palavras para exprimir a minha gratidão, encontro-me verdadeiramente emocionado, levando para o Brasil uma grande saudade de todos os amigos que deixo em Montijo.

Agradecemos ao ilustre visitante a gentileza que teve para conosco.

Eduardo Baeta

## António Ferro

Como é do conhecimento geral pelos jornais diários, faleceu em Lisboa o antigo jornalista António Ferro, antigo Director da S.N.I., embaixador e escritor primoroso.

Embora tardiamente, em virtude do nosso semanário já estar composto e impresso à hora da sua morte, «A Província» não se demite de exprimir a sua mágoa e o seu sentimento por esse facto.

Como fez parte da grande família jornalística de Portugal, que muito honrou e dignificou, mais nos sentimos no dever de lamentar o desaparecimento dum dos seus prestigiosos valores.

A nossa homenagem é simples e modesta, como o nosso jornal; mas aqui fica expressa com toda a sinceridade.

Que repouse em paz o valoroso, o extraordinário jornalista e homem de letras que foi António Ferro.

Por sobre a sua memória desfolhamos as flores do nosso maior respeito e profunda admiração.

## Pela IMPRENSA

O nosso Colega «Eco do Funchal», no seu número 1705, de 25 de Outubro passado, transcreveu o artigo do nosso colaborador João Fernando intitulado: «A burocracia é a origem de muitos emperros».

Agradecemos, muito pehorados, a deferência.

Também o nosso querido Confrade «Praia do Sol», transcreveu e adaptou o artigo «A função local dum semanário», que «A Província» publicou há tempo.

Muito gratos pela gentileza, cumprimentamos afectuosamente.

Telefone 026 57

Data boas Fotografias

Foto Montijense



### Fundão

— Por toda a Beira Baixa tem continuado a azáfama das secagens de milho, e cremos que será assim também por todos os pontos do País. Esta estiagem tardia (embora fresca) foi contudo providencial. Se assim não fora, perder-se-ia uma colheita de incalculável valor. Como é já de tradição, o ano agrícola foi fraco. Perderam-se muitos milharaís; mas estes que ora se salvam, serão um remendo que virá cobrir a brecha das deficiências a que os nossos rurais se habituaram há muito. Será mal coberta talvez, mas precisamente por se tratar do pão destinado às classes mais desprotegidas, e porque tantíssimos esperavam este derradeiro recurso, eis porque ainda nem tudo se perdeu completamente, e em junção com a safra da azeitona, que também promete, valha-nos ao menos que talvez nem tudo esteja perdido.

— Foi inaugurado recentemente o novo edifício do Colégio de Santo António, sito na nova Avenida, o que algo a embeleza.

De linhas sóbriamente agradáveis e modernas, e o espaço interno bem aproveitado, é mais uma obra que vem juntar-se ao número das que impõem o Fundão como terra assás progressiva. Não admira, pois, que os filhos do Fundão espalhados pelo mundo, ao chegarem de novo, se admirem da transição. Pena é que em matéria de moradias habitacionais, o progresso seja vão, porque se cifra antes em retrocesso.

— (C.)

### Nazaré

#### As cheias

Por desnecessária, dada a extrema falta de oportunidade que teria o relato do que já foi tratado e bem desenvolvido pelos jornais diários, não demos a notícia das cheias que recentemente feriram a Nazaré, embora tivéssemos vivido essas horas de angústia ouvindo o rugido apocalíptico das enxurradas arrastando centenas de pedregulhos de muitas arrobas, tivéssemos visto crescer a nossos pés o nível das águas como ameaçando devorarnos qual monstro em cujas fauces tudo pudesse consumir-se, tivéssemos observado apavorados as torrentes de lava fria, que, da encosta do Sítio, desciam infiltrando-se nas casas até aos telhados, tivéssemos ajudado a rebenotar portas para que a impetuosidade das águas não fizesse sossobrar edifícios, houvéssemos cooperado em transportar magros haveres ao som confuso de muitos gritos de mulheres salvando filhos de morrer afogados em suas próprias casas, de homens correndo e procurando fazer algo contra o que parecia demasiado poderoso para ser combatido por gente surpreendida e sem meios de defesa, e houvéssemos dado abrigo a crianças momentaneamente sem lar.

Não demos a notícia mas cumpre-nos, isso sim, lançar aqui um muito obrigado simples e sincero a todos quantos, desde o esforçado exército aos abnegados bombeiros, com tanto denodo trabalhando noite e dia, salvaram a Nazaré do aspecto desolador que apresentava após o vivo da tragédia. A

todos e sobretudo àquele que tudo moveu para que a eficácia dos socorros fosse deslumbrantemente eficaz: o senhor Dr. Luís Filipe Rodrigues de Faria, ilustre Presidente da Câmara da Nazaré. E' justo ainda recordar que, se o seu trabalho principal foi caladamente em gabinete, nos sensibilizou a sua actividade nos locais mais atingidos, com a ajuda permanente do seu braço direito, para quem vão as nossas calorosas homenagens: o senhor Guilherme Ramos, digníssimo Vice-Presidente desta mesma Câmara.

Bem hajam!

### Vila Nova de Milfontes

— Novo Pároco: Tomou posse o novo pároco desta freguesia, S. R.ª o Arceidiago Senhor Joaquim Maria Lourenço, fundador e Director da Colónia Balnear de N. Senhora de Fátima, que se destina ao estágio de crianças pobres da Província do Baixo Alentejo.

O povo e as entidades oficiais concentraram-se junto da Colónia, bem como todas as crianças das escolas da freguesia com todos os agentes de ensino. Aí foi recebido o novo pároco que, com luzido cortejo, foi levado à sua Igreja, desfolhando as crianças flores pelo caminho.

Seguiu-se missa, com todo o elemento oficial a assistir, tendo S. R.ª prégado à homilia um sermão aos seus paroquianos.

Seguiu-se um Porto de Honra que lhe ofereceu a Junta de Freguesia, Casa do Povo e Comissão de Honra.

Usou primeiramente da palavra o Senhor Dr. Soares

Craveira, ilustre advogado em Odemira, onde é também comandante dos Bombeiros Voluntários, o qual salientou as altas qualidades do homenageado.

Falou depois o Senhor Rui Ventura de Oliveira, Presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo e Vice Presidente da Comissão de Honra, que teceu o elogio do empossado em palavras que prenderam a assistência. Por ultimo, agradeceu a manifestação que lhe era prestada o Senhor Dr. Joaquim Maria Lourenço pelos seus paroquianos.

No final todos os oradores foram vibrantemente ovacionados.

Foram lidos muitos telegramas de entidades oficiais.

— Esteve nesta localidade o Senhor Dr. António Parreira Cabral, digno magistrado em Beja, e um dos mais ilustres conferencistas e cultos oradores do Baixo Alentejo, que veio propositadamente apresentar saudações ao pároco.

Acompanhado do Arceidiago Senhor Dr. Joaquim Maria Lourenço, o Senhor Dr. Parreira Cabral foi cumprimentar e agradecer o convite ao Senhor Presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo.

O Senhor Rui Ventura e sua esposa, D. Maria Cristina Ventura de Oliveira, ofereceram champanhe aos ilustres visitantes. Foram levantados brindes ao novo Pároco, ao Clero, a S. Ex.ª R.ª, ao progresso de Milfontes, à Junta de Freguesia, à Casa do Povo, ao Baixo Alentejo, ao Estado Novo, etc. — (C.)

N.º 32

Folhetim de «A Província»

22-11-956

## Aldeia do Avesso

Doz Alvaro Valente

Ela recuara até o muro divisório e já não podia mais. Quase lhe sentia a respiração ofegante, a excitação lúbrica que o incendiava; e então, num esforço do instinto contra o perigo iminente, disse-lhe com desespero:

— Não se abeire mais... Deixe-me... Olhe se não, eu grito.

Ele parou.

Compreendera de — repente que não ia bem por aquele caminho e se precipitara.

O processo dava resultado lá nos outros meios, onde a fragilidade era moeda corrente; ali, na aldeia rústica e primitiva, tinha que proceder com mais cautela e menos afoiteza. Necessitava talvez de insinuar-se com muitos «rodriguiños», de adquirir a confiança absoluta da mulher, de vencer profundamente, e daquela maneira só «espantava a caça».

E, rapidamente, modou de tática. Afastou-se e prosseguiu de longe:

— Mas que foi que lhe passou pela cabeça, Ermelinda? Disse-lhe alguma palavra que a ofendesse, que a magoasse? Não a respeitei, como é minha obrigação? Se lhe falei no meu bem querer, foi para aproveitar esta ocasião de estarmos sós, e julgo que com isso não a melindrei...

Há quanto andava para lho dizer! Mas estas coisas não se tratam de frente de gente, porque respeitam a nós e a mais ninguém, porque devem ser tratadas e resolvidas pelos interessados sem que os estranhos tenham que ser ouvidos...

— Ela soluçava baixinho, no mesmo tremor: — Minha mãe... minha... mãe...

— Sim, sua mãe terá que ser ouvida; mas, mais tarde, depois de nos

termos entendido e de termos acertado a nossa vida. Eu nunca pensei doutro modo, nem quereria que a Ermelinda pusesse de parte aquela a quem tem de dar conta dos seus actos. Vim a sua casa como amigo, para a fazer feliz, e não como inimigo para a desgraçar. Só lhe peço que me acredite, que creia neste amor apaixonado que me inspirou.

Mas porque não me diz também o que pensa a este respeito? Porque se cala?

E insistia, e voltava a chegar-se...

Ela continuava a soluçar baixinho e a raciocinar:

— Aquilo não era namoro. Os namoros que conhecia na aldeia levavam meses e meses de longe, e só nos bailes se juntavam. Aquele homem, ali perto dela e a dizer-lhe tanta coisa que a punha tonta, queria mais que namoro, estava disposto a qualquer brutalidade contra ela...

Os olhos dele, raiados e acesos, pareciam os dum doído; as mãos dirigiam-se-lhe para suplicar ou para atacar; desprenhia-se de toda a figura o aspecto claro dos que são tomados de exaltação e se preparam para um crime.

— O que iria ela fazer?

O mesmo instinto dizia-lhe que o perigo crescia enquanto o tempo passava.

— Mas como havia de se defender se a mãe não aparecia e a casa ficava isolada, num ermo onde àquelas horas se não via «vivalma»?

Ele já lhe tocara nas mãos e num braço. Fora como choque eléctrico que lhe pusesse o corpo todo em brasa, num escaldão de febre e formigueiros, tirando-lhe o resto das forças e deixando-a caída, braços ao longo do corpo, faiscas nas pestanas, boca seca, e o coração a malhar no peito em pancadas violentas, destrambelhadas, mais fortes que as palavras zunidas nos ouvidos!

As ideias fugiam-lhe. Parecia que tinha voado para estranhas regiões e que o pensamento adormecido mal cosia os factos uns nos outros.

— Onde estava? Que era feito dela?

(CONTINUA)

## Duas Palavras

«A Província», certa de ir ao encontro dos desejos dos seus leitores, inicia hoje a publicação de uma página sobre cinema.

Dentro do limitado espaço de que dispõe, tentará tê-los ao corrente do que se vai passando no mundo das imagens, e ao mesmo tempo mostrar que o cinema, além de distração, é arte, uma arte nascida e criada nos nossos dias, uma arte que, pelas suas possibilidades, é a arte de todas as artes.

O nosso grande escritor Latino Coelho disse que «de todas as artes, a mais bela, a mais expressiva, é sem dúvida a arte da palavra».

Palavras verdadeiras, mas escritas no fim do século passado, quando o cinema ainda tentava os seus primeiros passos.

Agora, superior à arte da palavra, temos a arte do Cinema, porque ela, só por si, consegue transmitir-nos todas as emoções e todos os sentidos, apenas pela imagem.

Hoje, mais do que nunca, o homem precisa de se distrair dos múltiplos afazeres da vida moderna, e um dos espectáculos ideais para tal fim é, como não podia deixar de ser, o Cinema.

Antes de terminar esta introdução, «A Província» quer agradecer, muito reconhecidamente, ao jornal «República» a gentileza que teve de pôr à sua disposição todo o material fotográfico que for necessário para ser publicado nas suas páginas de Cinema.

## PÁGINA DE



Por António de Abreu

## Caixinha das Surpresas

Na milenária China, o cinema é hoje uma das principais fontes de distração do povo. Enquanto em 1949 o número de espectadores era de cinquenta milhões, seis anos depois os frequentadores do cinema atingiram uma cifra quase astronómica.

Os principais estúdios cinematográficos são em Pequim e em Xangai, e têm um quadro privativo de actores, que trabalham exclusivamente para a empresa a que estão ligados.

Ao contrário das «estrelas» ocidentais, as «estrelas» chinesas não ganham por filme, mas recebem um ordenado que, na melhor das hipóteses, não ultrapassa oito mil e quinhentos escudos mensais.

O preço dos bilhetes oscila entre \$60 e \$500.

\*\*\*

Segundo as estatísticas, em 1954 os italianos gastaram em espectáculos a bonita quantia de 134.000 milhões de liras.

Desta verba, 105.000 milhões foram gastos com o cinema, vindo a seguir o futebol com 7.911 milhões de liras.

\*\*\*

Hollywood vai produzir um filme que nos relata a guerra naval travada entre americanos e japoneses e que é interpretado por Jeff Chandler, George Nader, Júlia Adams, e Lex Barker.

Em virtude do filme ser rodado nos mares orientais, foi contratado um médico, o Dr. Richard Boone, a fim de velar pela saúde de toda a equipa cinematográfica.

## CORREIO

«A Província», no intuito de ser útil aos seus inúmeros leitores, põe esta rubrica à sua disposição, onde responderá a todas as perguntas (o máximo três por carta) que lhe forem enviadas.

As respostas serão dadas pela ordem rigorosa da entrada na Redacção do nosso jornal, das cartas, que devem trazer o seguinte endereço: — A Redacção e Administração de «A Província», Correio de «Página do Cinema» — Montijo.

## Recordando o passado

Mary Pickford, que há 30 anos era considerada a «noiva do mundo», reuniu na sua residência «Pickfair», em Hollywood, numa festa, cerca de 150 convidados, a maioria estrelas que foram famosas e que hoje são completamente esquecidas do público.

Nessa simpática reunião apareceram, entre outros, Jackie Coogan (que foi o «garoto» de Charlot), Joe E. Brown, Buster Keaton (Pamplinas), Anita Kellerman, que em 1920 tinha mais popularidade do que tem hoje Esther Williams e muitas outras, Kenneth Harlan, Luisa Fazenda, Zazu Petts, etc., tendo sido recordados factos já esquecidos, e em que se voltou a falar de Marion Davies (quem se lembra dela?), Pola Negri, Mae Murry, Lillian Gish, Clara Bow, Douglas Fairbanks (pai), etc.

Festa do passado e de saudade em volta de Mary Pickford, que representa, ela mesma, uma época do cinema, a época dos filmes de Pamplinas, dos primeiros passos de Clark Gable, da parca Charlot-Edna Purviance, e da célebre primeira versão de «Sangue e areia» com o inesquecível Rodolfo Valentino.

## Cineclubismo

Os Cine-Clubes, pioneiros do interesse pela cultura cinematográfica, têm tido, em Portugal, nestes últimos tempos, um incremento formidável, prova cabal de que no nosso país a palavra cinema não é uma coisa vã, e que, ao contrário do que muitos propalam algo se poderá fazer pela cultura cinematográfica, primeiro caminho a percorrer para se conseguir o tão almejado Cinema Nacional.

As localidades que já possuem o seu Cine-Clube são: Aveiro, Beira (Moçambique), Braga, Coimbra Espinho, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Leiria, Lisboa, Olhão, Oliveira de Azeméis, Porto, Rio Maior, Santarém, Setúbal, Torres Vedras, Tortozendo, Viana do Castelo, Vila Real de Santo António, e Viseu. E Montijo?

Esta terra, uma das mais progressivas de Portugal, com um bom escol de valores, pode e deve ter um Cine-Clube.

Por isso, «A Província» aqui repete a ideia a todas as boas vontades desta vila, para que se unam e que dessa união nasça uma realidade que honre Montijo — o Cine-Clube de Montijo.



Rossana Podestá, a bela heroína de «Helena de Troia», cuja actuação lhe valeu o estrelato em Hollywood no filme «Santiago», onde contracenou com o idolo Alan Ladd.

Esta página é da autoria do nosso prezado colaborador, sr. António de Abreu, que assim se estreja no nosso semanário. Apresentamos-lhe as nossas felicitações e os nossos efectuosos agradecimentos.

## Notícias de Hollywood

■ Anne Miller, Tom Ewell e Anne Francis são os principais intérpretes do filme da M. G. M. «Father's little Cagner».

■ Fred Astaire e Cyd Charisse vão aparecer juntos em «Silk Stockings», um filme M. G. M.

■ A Universal contratou Fred Mac Murray para o seu novo filme do Oeste «Quante».

■ Anita Ekberg e Victor Mature, depois de filmarem

«Zarek», entrarão num novo filme juntos, intitulado «Interpol».

■ O veterano Adolfo Menjou vai filmar, ao lado de Diana Dors e de George Gobel, «I married a Woman».

■ O novo filme de Susan Hayward intitula-se «Melville Goodwin, U.S.A.», onde contracenará com Kirk Douglas.

■ Bob Hope e Paul Douglas serão os intérpretes de «Bean James», um filme para a Paramount.



■ Belita, uma das intérpretes do famoso filme «Invitation to the dance» (Convite à dança) — primeiro prémio do Festival de Berlim de 1956. O «cast» inclui Tamora Toumanova, famosa bailarina, e o dinâmico actor e bailarino Gene Kelle.

## UMA OPINIÃO...

A célebre Katherine Hepburn, que na época passada vimos no belo filme «Loucura em Veneza», foi convidada pelo não menos célebre Burt Lancaster para contracenar com ele num filme do Oeste. Indignada, a actriz respondeu: — «Nunca na minha vida! Filmes do Oeste são sempre escritos

para homens, nunca idealizados para a mulher. Eu aceitaria se soubesse andar a cavalo. Mas estou cansada de representar a mulher de carácter forte, papel esse que ampara os homens fracos!

Verdadeiramente, o papel que gostaria de representar... é Gary Cooper!



Brigitte Bardot, a insinuante artista francesa, numa sugestiva pose no seu «apartamento» do Hotel Savoy, após a sua chegada a Londres, onde vai filmar.